

## PRÁTICAS CULTURAIS DE MIGRANTES NORDESTINOS NO MARANHÃO (1930-2010)

**Márcia Milena Galdez Ferreira**

**(Professora Mestre da Universidade Estadual do Maranhão)**

**milenagaldez@hotmail.com**

A historiografia maranhense registra desde a segunda metade do século XIX a chegada de levas de migrantes oriundos de outras províncias da região hoje designada Nordeste<sup>1</sup>. A atração da economia extrativa da borracha em direção à Amazônia e a expulsão da terra natal pelo fenômeno natural das secas periódicas são apontados consensualmente como explicação para o deslocamento de indivíduos e famílias e da sua fixação, pelo acaso da existência de terras devolutas, no território referido como “Maranhão”<sup>2</sup>. Abordou-se o problema da migração de piauienses, pernambucanos, potiguares, paraibanos e, em maior proporção numérica, de cearenses, especialmente sob a égide da questão da transformação das formas de trabalho no campo, posto que a iminência da desagregação do escravismo imputava a reformulação do eixo produtivo e o advento de novos personagens, os migrantes, ia construindo na prática uma alternativa que vinha sendo estudada no plano teórico por intelectuais e administradores<sup>3</sup>.

Abordagens historiográficas acerca do século XX trazem novamente à cena da narrativa histórica os migrantes de Estados vizinhos do Nordeste. Estes aparecem, conjuntamente com trabalhadores rurais e posseiros nascidos no território do Maranhão, ligados ao problema da ocupação e expulsão da terra por grileiros e políticas de expropriação legitimadas pelo Estado<sup>4</sup>.

Tal historiografia, porém, não se debruçou sobre as experiências e práticas culturais de migrantes que se fixaram no território “maranhense”, inscrevendo nele novas territorialidades no câmbio simultâneo de suas identidades e das populações já radicadas nos espaços eleitos, ao sabor do acaso e da circunstância, como suas novas

---

<sup>1</sup> Conforme ALBUQUERQUE JR(2001)., a invenção do Nordeste enquanto espaço identitário e região política administrativa do Brasil é um processo recente que pode ser localizado nas primeiras décadas do século XX.

<sup>2</sup> Sobre a migração de cearenses para o Maranhão na seca de 1877-1879 ver SÀ (1997) e GONÇALVES (2009)

<sup>3</sup> Ver FARIA (2001) e ALMEIDA (2008)

<sup>4</sup> Ver LUNA (1984)

moradas. Em relações de conflitos, tensões e/ou interações e imbricamentos com homens e mulheres nascidos em terras do Maranhão ou oriundos de terras anteriores de outros Estados do Nordeste, tais atores foram enredados em teias sociais pré-existentes, submetidos às regras de comportamento e representações sociais desses lugares, ao mesmo tempo em que resignificavam cotidianamente identidades e práticas culturais locais nas suas apropriações e reapropriações.

A construção do problema previamente proposto pressupõe a desnaturalização de duas premissas presentes na abordagem historiográfica: a representação homogeneizada dos migrantes como retirantes flagelados pelas secas e a incorporação acrítica das fronteiras oficialmente legitimadas para pensar os referentes “Maranhão”, “Piauí”, “Ceará”, “Paraíba”, “Rio Grande do Norte”, etc.

Sobre a primeira premissa urge argumentar que a representação de migrantes enquanto flagelados expulsos pela seca de seus lugares natais é feita a partir da incorporação de representações veiculadas na imprensa regional, especialmente em períodos coincidentes com a ocorrência de grandes secas que expulsam das terras tenazes lutadores contra a sede, a fome e a *vida e morte severina*. A literatura e a historiografia regional já se debruçaram em larga escala sobre tal representação, dando grande contribuição, nas suas abordagens, à compreensão das agonias e desejos de retirantes em andanças extenuantes que se caracterizariam tanto pela fuga e abandono de um lugar abandonado por Deus e pelo Estado como pela busca e invenção de um recomeço. Pretendo tomar como problema a invenção de tais recomeços em outros espaços, deixado em suspenso ao longo da pesquisa a naturalizada inextrincável relação da migração de nordestinos e seca. *A priori* a migração e os migrantes não são tratados como óbvios e homogêneos. O quem foram e o quem são, o porquê vieram e o porquê ficaram são, nesta proposta de trabalho, perguntas e não premissas.

Faz-se imprescindível, também, deixar em suspenso a arbitrária auto-evidência das categorias “Maranhão”, “Piauí”, “Ceará”, “Paraíba” etc. Como aponta Bourdieu as regiões são constituídas por processos de di-visão que inscrevem descontinuidades em continuidades naturais. Trata-se, como propõe Bourdieu, de lutas a respeito da construção de identidades:

Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de di-visão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo. (BOURDIEU,2003,p.113)

Desse modo, faz-se necessário imputar a tais categorias a artificialidade e arbitrariedade inerentes à sua invenção, atentando para a possibilidade de pensar a partir de outras fronteiras instituídas cotidianamente nas práticas culturais de migrantes, que violam-nas, subvertem-nas, suprimem-nas e reinventam-nas. Nas artes de fazer de novos/velhos espaços, mapas abstratos e absurdos diluem-se e fundem-se performando fronteiras movediças que desafiam a fala autorizada do Estado e dos saberes legítimos.

Elegemos como via privilegiada de acesso às práticas culturais dos migrantes o levantamento e análise de suas histórias de vida através das técnicas empregadas pela História Oral, já que a partir dos mesmos teremos possibilidade de contato com a narratividade acerca da experiência de vida desses homens e mulheres a partir da sua própria perspectiva. Conforme Alberti (1990,p.5):

Acreditamos que a principal característica do documento de história oral não consiste no ineditismo de algumas informações, nem tampouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade, e da história oral como um todo, decorre de toda uma postura em relação à história e às configurações sócio-culturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu (grifos da autora)

O recorte temporal proposto fez-se levando em consideração a viabilidade da aplicação de entrevistas, bem como a possibilidade de acompanhar a partir de seus depoimentos a repercussão de grandes secas (1930-1932, 1942,1958 e 1970) na suas histórias de vida e de seus entes queridos. A extensão da pesquisa até a atualidade deve-se ao intento de pensar o problema também na perspectiva da história do tempo presente, etnografando e descrevendo densamente ritos, mitos e práticas culturais inscritas nos espaços reinventados por suas apropriações e reapropriações.

Encontramo-nos ainda na fase inicial da pesquisa, que envolve tanto pesquisas bibliográficas e em jornais do período abordado, como conversas informais e realização de entrevistas com migrantes ou filhos de migrantes que vivem na região do Médio Mearim. Essa área envolve diversos municípios e povoados como: Pedreiras, Lima Campos, Lago do Junco, Lago da Pedra, Poção de Pedras, Esperantinópolis, Jocelândia,

Bacabal, Coroatá entre outros. Nessa apresentação teremos como foco as cidades de Pedreiras e Lima Campos, enfatizando principalmente falas referentes às chegadas de grandes levas de migrantes em 1932 e 1958, anos que coincidem com duas grandes secas do século XX.<sup>5</sup>

Não concebemos o espaço de forma estática, pois longe de ser um cenário fixo onde se desenrolam as histórias, mas como construto histórico e cultural, mutável, fugidio, penetrado e reinventado por múltiplas temporalidades. Dessa forma concebemos as cidades e povoados que se constituíram e se constituem como lugar de morada de migrantes como produto e produtores de suas práticas culturais e não como palco fixo e amorfo onde se desenrolam suas experiências cotidianas. Os espaços se constituem, portanto, em locus privilegiados da análise do historiador. Seus movimentos, arranjos e posturas provisórios precisam ser inquiridos na sua historicidade. É imprescindível estudar as relações dos homens e mulheres não num cenário, mas com um cenário também fluido, instável, histórico, como resultante momentâneo de posições e relações entre os agentes. Conforme ALBUQUERQUE JR (2008,p. 71-72):

Podemos dizer que hoje estamos diante de uma nova forma de se relacionar com e perceber os espaços, que é da ordem da relação, que é da ordem do posicionamento. O posicionamento é definido pelas relações de vizinhança, de aproximação, de convivência de co-extensão, de co-habitação, de conflito, de tensão, de afrontamento, entre diversos pontos ou elementos, formando séries, organogramas, redes, reticulados, tramas.[...] Cada atividade humana carrega em si uma dimensão espacial que a ela pertence e por ela é definida. As fronteiras, as identidades espaciais, os territórios, os lugares passam a ser pensados como tendo sido definidos a partir de contendas, de conflitos, sendo frutos de relações que se estabeleceram entre diferentes agentes e agências em um dado momento histórico, sendo, portanto, passíveis de dissolução, desconstrução, sempre que as relações sociais que os engendraram sejam modificadas, que os saberes que os puseram de pé sejam desmontados e que as relações de poder que os sustentaram sofram deslocamentos.

Através das narrativas dos entrevistados e na incursão em uma descrição densa dos textos urbanos inscritos em ritos, mitos, costumes, regras de ocupação, festividades, relações de vizinhança, tensões e solidariedades cotidianas, ações disciplinares e

---

<sup>5</sup> Até o presente momento da pesquisa a grande maioria dos entrevistados chega ao Maranhão de áreas atingidas pelas secas do sertão do Nordeste. Localizamos outras falas, em número bem menor que saíram, por exemplo, da cidade de Fortaleza com destino ao Médio Mearim, bem como a indicação de chegada de parentes e amigos em períodos não coincidentes com secas.

práticas antidisciplinares, fronteiras, identidades e territorialidades que se fazem e desfazem ao sabor de suas relações, tomamos os espaços construídos pelas práticas culturais de migrantes, por seus posicionamentos e relações com práticas culturais de “maranhenses” como problema norteador da pesquisa.

Não buscamos fazê-lo a partir de uma abordagem panorâmica das regularidades do texto urbano, buscando regras, modelos disciplinares sob a égide da ordem. Buscamos ao contrário o que Michel de Certeau denomina a cidade dos caminhanes onde a “cidade-conceito se degrada” (2007,p.174), onde o espaço é praticado, subvertido, reinventado ainda que os caminhanes não tenham consciência do ziguezague que imprimem cotidianamente no traçado retilíneo que o planejamento urbano supõe eficaz. Buscamos, portanto, a cidade dos seus praticantes ordinários, aquela só passível de visibilidade nos encontrões, desvios, atalhos e buracos fabricados na apropriação e reapropriação de seus caminhanes e reconstrutores cotidianos.

Mas embaixo(*down*) a partir dos limiares onde cessa a visibilidade vivem os praticantes ordinários da cidade: Forma elementar dessa experiência eles são caminhanes, pedestres, *Wondersmänner*, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se vêem, tem dele um conhecimento tão cego como no corpo a corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam à legibilidade. Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. As redes dessa escritura avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações ela permanece cotidianamente, indefinidamente, outra.(DE CERTEAU,2007,p.163)

Buscamos escrever as histórias praticadas nos espaços “maranhenses” ocupados e vivenciados por migrantes “nordestinos” a partir dos pontos cegos de seu corpo-a-corpo com o texto urbano, de suas poesias ignoradas e ilegíveis. Buscamos nas narrativas de suas lembranças a possibilidade de legibilidade das práticas culturais por seus próprios autores. Intentamos construir uma interpretação das formas de produção, apropriação e reapropriação dos espaços a partir da tradução de pontos cegos que relampejam nas memórias dos migrantes.

Outro conceito necessário como ferramenta de análise é *memória*. Conforme aponta Bosi (1994), na definição de *memória coletiva* formulada por Maurice Halbwachs, a memória não corresponde a um lócus onde o passado pode ser resgatado em sua forma pura, mas como lugar onde este é (re)feito, (re)construído, já que as

experiências vividas pelos sujeitos e grupos sociais entre o tempo do lembrado (passado) e o tempo do vivido (presente) performam as lentes através das quais o passado é (re)lido. As lembranças são, portanto, construídas a partir de uma superposição de temporalidades; presente e passado se entrelaçam na memória.

Halbwach (2006,p.27) também sublinha o caráter coletivo inerente ao processo de construção da *memória individual*: “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos[...]. É porque na realidade nunca estamos sós.”

Esse processo coletivo de construção da *memória individual* não viabiliza, porém, a reconstrução literal da memória de um grupo. Os grupos se transformam com o tempo, relacionando-se com outros grupos, esfacelando-se e esfacelando consigo uma memória comum. Contudo, restam cacos dessa *memória coletiva* nas *memórias individuais*, que consistem numa perspectiva específica e particular daquela, refratada pelo tempo e pela relação com outros meios. Como aponta Halbwachs (2006, p.51): “Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, que esse lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” Conforme Nora, memória “é o que fica do passado no vivido dos grupos ou o que os grupos fazem do passado.”

Na memória dos migrantes a imagem da seca e sua associação à partida são recorrentes. Em Pedreiras os que chegam em 1932 comumente se referem à longa viagem de pés ou “montada” em animais. Os primeiros moradores do local onde hoje é a cidade de Lima Campos<sup>6</sup> (situada a quatro léguas de Pedreiras), que em 1932 funcionou como Colônia de Imigrantes, chegaram de navio a São Luís, embarcados principalmente na cidade de Natal, expulsos pela seca do sertão de Caicó. Chegando a São Luís, os ditos “retirantes”, “indigentes” ou “flagelados”- termos usualmente utilizados na imprensa e em documentos oficiais para referir-se aos migrantes provenientes de outros Estados do Nordeste- eram conduzidos de trem até Coroatá, de onde eram encaminhados para a Colônia Lima Campos<sup>7</sup>. Conforme Borges (2009) a

---

<sup>6</sup> Sobre a criação da Colônia de Lima Campos ver BORGES (2009)

<sup>7</sup> Sobre experiências de Colônias de Migrantes malogradas no século XIX ver SÁ (1997) e GONÇALVES (2009).

maioria dos migrantes oriundos das primeiras levas da Colônia Lima Campos eram provenientes dos Estados do Rio Grande do Norte e Paraíba.

Em relação à cidade de Pedreiras sobressaem entre os migrantes, os cearenses e os piauienses. A segunda grande leva, em 1958, chega normalmente a esta cidade já “falada” no sertão do Nordeste em paus de Arara. Alguns, como Seu Pedro Simão<sup>8</sup>, percorreram algumas léguas a pé ou montados em animais até pegar um carro com destino a Pedreiras.

Primeiro nós saímos de lá onde nós morava e viajemo seis léguas a pé pra chegar na extrema do Piauí. No Ceará mas na extrema do Piauí E lá era onde a gente pegava carro num lugar por nome Boa Vista. Era onde passava a estrada. E lá (Crateús) nós não tinha carro. Peguemo a bagagem e viemo de animal, até do meu avô os animais. Trouxemo até lá e lá botemo a bagagem abaixo e fumo esperar o carro Nesse tempo não era nem chegar e viajar. Nós passemos lá foi uns oito dia arranchado lá nesse lugar, só pra pegar esse carro pra viajar”. Aí nos peguemo esse carro lá, aí viemo de lá pra cá trocando de carro. Viemo nesse carro até Campo Maior. De Campo Maior pra cá nós vinha pegando era outros Nós viemo chegar aqui em Pedreiras já no quarto carro. Aí teve um de Campo Maior pra Teresina. De Teresina peguemo outro pra Peritoró. Aí de lá já veio aqui pra Pedreiras. (entrevista realizada em março de 2010)

Seu Francisco do Carmo Moita e sua esposa Teresa Neves Moita<sup>9</sup> saíram da cidade do Ceará com três filhos pequenos, dos quais “dois vinham dando agonia de fome”. Referindo-se á seca de 1958, Dona Teresa recorda: “Essa que deu lá foi forte, mais forte que as outras. Que as outra havia uns feijãozinho de moita, né? E essa que teve lá que nós viemo embora, não teve foi nada.” Sua viagem de Tianguá até Pedreiras foi feita em seis dias, também num pau de arara:

Veio meia carrada de estrume de bode e a outra meia carrada de gente. {...} Aí quando chegemo pras banda de Piauí o carro desmantelou . Foi ao redor de uma roça de milho maduro. Aí cavemo um buraco no chão pra fazer mesmo que uma fornalha Nesse tempo eles quebraram esse milho e assaram pra não passar muita fome. Aí nós cozinhava, trazia uma carne seca de bode, que tinha muito bode por lá. Nós trazia saca de arroz, comia. Nesse tempo nós passemos muita fome. (entrevista realizada em março de 2010)

<sup>8</sup> Lavrador de 78 anos, natural de Crateús, atualmente morador de Trizidela do Vale, município recém-criado, situado ao lado da cidade de Pedreiras.

<sup>9</sup> Naturais de Tianguá no Ceará, trabalharam inicialmente quebrando coco a uma légua de Pedreiras num lugar chamado Cocarina. Depois passaram a se dedicar à roça. Seu Francisco, conhecido na cidade como Chico Leo tem 85 anos e Dona Teresa tem 73. Depois que se estabeleceram em Pedreiras tiveram mais 12 filhos. Dos 15 filhos do casal, apenas um não vive na cidade de Pedreiras.

Na leva de 58 já havia entre os cearenses referência à cidade de Pedreiras, como um lugar bom de viver, que tinha muito serviço e muita terra disponível. A maioria já saía tendo Pedreiras como destino certo. Outra cidade muito visada pelos migrantes no Maranhão neste período foi Bacabal. Segundo seu Francisco: “As terra não tinha dono não. Só tinha dono as bemfeitoria. Se achasse terra sem benfeitoria podia se apossar dessa terra.” Desde a década de 1930 o Maranhão era representado como uma espécie de Eldorado, um paraíso onde não faltava inverno, terra e serviço. Essa imagem de paraíso é tributada a Pedreiras pela memória de migrantes que ouviam desde sua terra natal falar das benesses da dita “princesa do Mearim”.<sup>10</sup>

A imagem de fartura sobressai nas lembranças realçada, provavelmente, pelo contraste da imagem das agruras da seca. Como coloca Dona Teresa “lá (Ceará) não escapava ninguém não minha filha.” O Eldorado maranhense as margens do Mearim não contava, porém, com serviços básicos de infra-estrutura urbana. Seu Francisco relembra a cidade que encontrou no final da década de 1950: “Quando nós chegemo aqui não tinha água, não tinha luz, não tinha nada. Era só uma capoeira velha”. Sua esposa mesmo lembrando que ia buscar lata d’água no rio reforça a idéia da facilidade de fazer a vida no Maranhão: “Ave Maria (em Pedreiras) foi fácil demais, minha filha. Lá no Ceará, se nós não puxasse de lá ia morrer”

A seca de 1958 é lembrada por descendentes de cearenses a partir de outros sinais. Seu Miguel Veras<sup>11</sup>, descendente de cearenses que chegaram a Pedreiras em 1932 relembra que “58 foi o ano em que meu pai mais comprou gado”, pois muitos migrantes traziam consigo animais que também morreriam se não deixassem o sertão. Esse gado era vendido, provavelmente a um preço muito baixo para contrerrâneos já estabelecidos e estabilizados no Maranhão. Um atual vereador da cidade de Pedreiras, conhecido como Cearense<sup>12</sup>, lembra que ganhou o apelido pelo fato da casa de seu pai ser uma espécie de alojamento provisório de cearenses recém chegados a Pedreiras.

---

<sup>10</sup> Referência à prosperidade e beleza da cidade situada na margem do Rio Mearim.

<sup>11</sup> Filho de cearenses que migraram para a cidade de Pedreiras em 1932. Nasceu em 1937. Seu pai trabalhou durante muitos anos com tropas de burro que faziam transporte de pessoas nas décadas de 1930 e 1940 na região do Médio Mearim no Maranhão.

<sup>12</sup> Nascido em Pedreiras em 1939, é filho de dois cearenses que chegaram à cidade em 1939. Seu pai trabalhava com tropas de burro de carga e tinha uma situação econômica já confortável que lhe permitia abrigar, por vezes, até 30 contrerrâneos.

A solidariedade entre conterrâneos parece ter marcado a vivência dos migrantes nos primeiros anos. Seu Pedro Simão chegou a Pedreiras com o endereço de um cearense já residente na cidade que lhe tinha sido dado por um vizinho em Crateús. Foi através desse conterrâneo que conseguiu empregar-se no comércio sem preocupar-se com moradia, já que este lhe cedeu várias das casas em que morou, sem nunca precisar lhe pagar aluguel. Dona Teresa relembra que ela e sua família se deslocavam de Cocarina (povoado situado a um léguas de Pedreiras) até a cidade, quando sabiam da chegada de carros trazendo outras levadas de migrantes: “Mulher nós morava aqui perto da Pedreira (cocarina) e quando chegava uma carrada de gente, que chegava carrada de gente direto né, nós acendia lamparinazinha de gás, de luz e vinha bater aqui (em Pedreiras) reparar os conhecido que tinham chegado. Chegou carrada de gente do Ceará. Aí nós acendia a lamparininha e ia olhar”.

A fama de Pedreiras também corria solta pelos testemunhos dos que chegavam e, constatando as benesses do local apressavam-se em avisar familiares que não tardavam a vir. Como conta seu Francisco: “Depois meu pai veio. (Ele pediu que) Se eu visse que aqui era bom escrevesse pra ele. E logo eu escrevi e depressa o velho baixou aqui, e depressa arrastou os filho dele tudinho aqui pro Maranhão.”

Outros descendentes de cearenses, nascidos em Pedreiras e que se reconhecem como maranhenses, apontam que assim como chegavam grandes levadas em épocas de seca, saíam carros cheios de gente quando começava a chover no Ceará. Gorete Furtado<sup>13</sup> aponta que “o cearense que não volta fica apaixonado pelo Ceará”, gabando-se sempre de sua terra natal, ainda que não tenha retornado definitivamente a ela depois de longos anos de vivência no Maranhão. Seu Pedro Simão relata: “Mas eu nunca me esqueci da minha terra.” Diz nunca ter passado mais de três anos sem voltar pro Ceará pra passar um tempo por lá. Sua mãe, com quem chegou a Pedreiras acompanhado do pai e de três irmãos, retornou ao Ceará depois de dez anos vivendo no Maranhão, porque queria “se enterrar” na sua terra. Seu Pedro Simão afirma que “enquanto tiver condição de ver e puder andar, não me esqueço do Ceará”.

---

<sup>13</sup> Nascida em Pedreiras, tem 56 anos e descende de um casal de cearenses que migrou com seus filhos mais velhos para o Maranhão em 1932.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História Oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional.** Recife: Bagaço, 2008.

\_\_\_\_\_, **A invenção do Nordeste e outras artes.** São Paulo, Cortez, 2001.

ALMEIDA, Alfredo Vagner Berno de **A ideologia da decadência: leitura antropológica a uma história da agricultura no Maranhão.** Rio de Janeiro: Casa 8/FUA, 2008.

BORGES, Marcel Braga. **A seca de 1832 e a instalação da Colônia de Lima Campos.** São Luís: UFMA, 2009. (Monografia de Graduação em História Bacharelado)

BOURDIEU, Pierre, **O poder simbólico.** São Paulo: Bertrand, 2003

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

FARIA, Regina Helena Martins de. **A transformação do trabalho nos trópicos: propostas e realizações.** Recife: UFPE, 2001. (Dissertação de Mestrado)

GONÇALVES, Max Samuel Ramalho. **A grande seca de 1977-1879: uma análise sobre a imigração cearense no Maranhão.** São Luís: UFMA, 2009. (Monografia de Graduação em História Bacharelado)

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva,** São Paulo: Centauro, 2006.

LUNA, Regina Celi Miranda Reis. **A terra era liberta: um estudo da luta dos posseiros pela terra no vale do Pindaré-MA.** São Luís: EdUFMA/ Secretaria de educação do Estado do Maranhão, 1984.

SÁ, Iracema de Jesus Franco. **A imigração cearense no Maranhão (1877-1879)** São Luís: UFMA, 1997. (Monografia de Graduação em História Licenciatura)